*O MATERIAL NÃO AGUENTA: Júlio Pomar e Luisa Cunha*

18.Out.2018 – 20 Jan.2019

Curadoria: Sara Antónia Matos

Inauguração: 18. 10. 2018, quinta-feira, às 18:00h

A exposição *O Material Não Aguenta: Júlio Pomar e Luisa Cunha*, com curadoria de Sara Antónia Matos, dá seguimento a um programa de exposições do Atelier-Museu que, todos os anos, procura cruzar a obra de Júlio Pomar com a de outros artistas, de modo a estabelecer novas relações entre a obra do pintor e a contemporaneidade.  Deste modo, esta exposição é pensada, desde a sua génese, como uma intervenção específica no espaço do Atelier-Museu.

A preparação da exposição *O Material Não Aguenta*, com obras de Júlio Pomar e Luisa Cunha, foi iniciada com o pintor ainda em vida. Ambos detentores de sentido crítico, Júlio Pomar reconheceu na obra de Luisa Cunha uma qualidade irónica e até mordaz em relação à realidade, que, segundo o pintor, prometia uma aproximação inesperada entre a obra de ambos.

Na base deste pensamento do pintor teriam estado por certo peças como *É uma pena* (2003), de Júlio Pomar, e *Obra com nível* (2011), de Luísa Cunha, que integram nos seus corpos os objectos que lhes dão nome, uma pena e um nível, respectivamente, servindo-se dos trocadilhos semânticos que os títulos lacónicos instauram na leitura das peças. Formalmente, a obra de Júlio Pomar contém na sua estrutura uma pena de uma ave, mas o seu título alude também a uma sentença ou um lamento. Assim como a de Luisa Cunha é feita de um nível, sendo que é também uma obra de grande categoria e elevação. Obras como estas põem em acção mecanismos de associação/dissociação entre o que se vê materializado e o âmbito da linguagem comum (expressões triviais do dia a dia), lembrando que os sentidos decorrem sempre de campos e movimentos de deslize.

Ambos resistiram às convenções através da ironia e, sobretudo, Luisa Cunha faz recair esta ironia particularmente sobre as normas e os códigos de apresentação museológicos, desconstruindo os seus protocolos mais tradicionais a partir do seu interior, isto é, não se demitindo deles, pelo contrário, colocando-os em derisão através de um comentário subtil e subversivo dos mesmos.

É desse modo que iremos encontrar em exposição *Dirty Mind*, (1995), de Luisa Cunha, uma obra composta por um estore vermelho, com uma lamela deformada que convida a espreitar pela fresta – sentido voyerista logo frustado na medida em que a obra foi concebida para expor contra uma parede. Encontramos também *Drop the bomb!*, (1994), num lugar onde não poderia ser mais inadequada a instrução para o acto de “largada de uma bomba”, um museu, onde sabemos que todos os cuidados de conservação, preservação e manutenção de obras e espólios são poucos. Ainda assim, a obra *Drop the bomb!,* que foi realizada para instalar num local de encontro de pessoas e de conversação como, por exemplo, um local com mesas e cadeiras, desconcertante, alude a uma ofensiva ou a uma investida de ataque, pode também remeter para outra leitura semântica como a de denunciar algo importante, com consequências impactantes.

Outro aspecto que aproxima as obras de Júlio Pomar e Luisa Cunha é a ainda o modo como a realidade motiva a produção das peças. Júlio Pomar dizia frequentemente que não tinha imaginação (que não inventava nada do zero), que todas as suas obras eram motivadas por aspectos da realidade, fotografias, imagens, narrativas literárias. Pois também em Luisa Cunha as obras são espeloteadas pela vivência da realidade, de imagens e aspectos presenciados pela própria no contacto com o mundo. Naturalmente que outras características afastam os dois artistas e os seus pensamentos sobre arte, colocando-os em planos quase diametrais. É exemplo disso a desconfiança de Luisa Cunha em relação à expressividade em si, a qual se manifesta numa contenção material das obras, as quais muitas vezes adquirem a condição de registo sonoro e espacial. Por oposição a Júlio Pomar, a dimensão pictórica e gestual na obra de Luisa Cunha é mínima, reduzida a gestos de escrita mínimos ou repetições árduas, minuciosas, controladas, como encontramos nos 18 óleos a pastel, *Relva* (2005-2006), em exposição. Curiosa e paradoxalmente, estas são também as peças que mais se aproximam de um caderno de registos livres, realizados por Pomar, em frente de uma figueira na sua casa do Algarve e que aqui se mostram revelando essa amplitude de gesto – e de intenção – que separa dois artistas.

Esta exposição tem, ainda, um desdobramento na Escola Básica e Secundária Passos Manuel, repondo a intervenção *Diário, pág.0*, realizada em 2000, na instituição de ensino onde a artista lecionou durante décadas.

Esta exposição que junta o trabalho de Júlio Pomar com uma companhia porventura inesperada, Luisa Cunha, mostra o quanto a obra deste pintor em sete décadas de trabalho, recorrendo a meios e suportes diferenciados, abriu avenidas no campo das artes plásticas. Como atestam as diferentes exposições deste programa do Atelier-Museu, a obra de Júlio Pomar apresenta uma versatilidade e uma dinâmica de renovação no seu interior, aberta a cada nova produção, que tem desafiado – e surpreendido – os artistas que com ele se cruzam, por sua vez, surpreendendo o público que com eles se confronta.

Sabemos ainda que é sobre desafio e confronto – confronto das nossas próprias limitações e preconceitos – que se coloca a obra de Luisa Cunha. Tal é com certeza patente na obra *Hello*! (1994), de um humor desconcertante (segundo Miguel Wandscnheider) que invade a privacidade dos utentes das casas de banho das instituições onde a obra é instalada. A obra consiste na colocação, dentro da área dos sanitários do museu, de uma voz em registo áudio que interroga os expectadores enquanto os mesmos se servem dos sanitários: *Are you there?* Desta peça, faz parte também a ocultação dos espelhos dos lavabos do museu, com papel craft, impedindo o visitante de se ver.

A sua obra – tal como a de Pomar a outros níveis – subverte os consensos e as expectativas dos visitantes dos museus, mas mais que isso, das próprias instituições, baralhando os códigos e as condutas de funcionamento mais comuns, tornando-os ridículos e, por vezes, irrisórios. Tal é exemplo da obra *Straight to the point* (1993), um aquecedor a óleo, doméstico, ligado e colocado no pátio exterior do Atelier-Museu – instituição em que a temperatura ambiente e os cuidados no controle da humidade são, como em todas as unidades museológicas, com dever de conservação, absolutamente fulcrais e concentradas no interior do edifício.

É desta forma que Luisa Cunha nos interroga, não só enquanto observadores, mas também enquanto profissionais de museus, muitas vezes ridicularizando e pondo em evidência a rigidez das regras excessivas implementadas nas exposições, com códigos e contra-códigos que não raras vezes caem em contradição.

O mais importante, sempre mais importante, lembra-nos a obra de Luisa Cunha e de Júlio Pomar, é manter a liberdade de pensamento, evitar que se feche, empedernido num conjunto de regras que ora preservam as obras, por um lado, ora as cristalizam numa miríade de protocolos e categorizações. É uma obra que a este nível nos confronta, deixando todas as possibilidades em aberto.

Por fim, dizer que escolher uma artista que adopta a linguagem para o interior do campo artístico e visual, como material escultórico e espacial (no caso do registo áudio), foi também da parte do museu um elogio e uma homenagem a Júlio Pomar – um autor que como testemunha a sua obra escrita – *Parte Escrita I, II e III*, publicada pelo Atelier-Museu/Documenta em 2014 - colocou a linguagem verbal no mesmo patamar que a expressão plástica.

*O Material Não Aguenta*, título da exposição, deriva de uma conversa com a artista, sublinhando a perda da dimensão icónica, celebrativa e por vezes intocável da obra de arte. A obra aqui não é senão a concretização de um gesto e de um pensamento comum, trivial, fugaz, que não aguenta a carga semântica associada à história da arte, e particularmente à sua dimensão iconográfica, enfim à carga museológica que reveste a assunção de uma obra de arte.

A obra de Luisa Cunha é sobretudo uma obra que dá relevância ao acto de recepção comum, desafiando a atenção e a acutilância da percepção, desafiando o espectador a despir-se e a deixar para trás todo o peso institucional que reveste a sua apresentação, abraçando a liberdade de pensamento e de acção. O material não aguenta, não resiste a tanta convenção.

No decurso da exposição publicar-se-á um catálogo [com edição do Atelier-Museu Júlio Pomar/ Documenta] e imagens das obras instaladas no espaço.

A acompanhar cada uma destas exposições, teremos a edição de uma entrevista com cada um dos artistas convidados, realizada ao longo de um extenso período, permitindo compreender, através da voz própria de cada autor, as motivações e fundamentos inerentes às suas obras. O livro com a entrevista realizada a Luisa Cunha será lançado durante o decorrer da exposição, em data a anunciar.

**Sobre Luisa Cunha:**

Luisa Cunha nasceu em Lisboa em 1949. Curso Avançado de Escultura no Ar.Co – Centro de Arte & Comunicação Visual, Lisboa. Os seus projectos utilizam texto, som, fotografia, vídeo, escultura, desenho e performance. Expõe desde 1993. As suas exposições individuais incluem, entre outras: *Luisa Cunha*, Museu Serralves, Porto, 2007; *Words for Gardens*, Chiado 8, Lisboa, 2006. Entre as exposições colectivas contam-se: *Do tirar polo natural. Inquérito ao retrato português*, Museu de Arte Antiga, Lisboa, 2018; *O que eu sou*, MAAT – Museu de Arte, Arquitectura e Tecnologia, Lisboa, 2017; *I’ll be back*, A Montra, Lisboa, 2013; *I’m Not Here. Na Exhibition Without Francis Alÿs*, De Appel Arts Centre, Amesterdão, 2010; *A bit of matter and a little bit more*, Galeria Miguel Nabinho, Lisboa, 2015; *Partitura*, Casa da Música, Porto, 2007; *Stream, Whitebox*, Nova Iorque, 2007; *The Invisible Show*, MARCO – Museu de Arte Contemporánea, Vigo, Centro José Guerrero, Granada, e no Center for Contemporary Art, Tel Aviv, 2006; *On the Reason*, Bienal de Sydney, Sydney, Austrália, 2004; *Initiare, Colecção do Instituto de Arte Contemporânea – Aquisições 1997-1999*, Centro Cultural de Belém, Lisboa, 2000; Jornadas de Arte Contemporânea, Palácio do Freixo, Porto, 1996; *Greenhouse Display*, Estufa Fria, Lisboa, 1996; Penisulares, Galeria Antonu Estrany, Barcelona, 1995. A sua obra está representada em várias colecções institucionais e privadas. A Artist é representada pela Galeria Miguel Nabinho.

**Imagens (ficheiro wetransfer)**: <https://we.tl/t-KAGadfsODV>

**a) LuisaCunhaDROP\_THE\_BOMB**

**LUÍSA CUNHA**

***Drop the bomb!***

1994

12 Altifalantes, 12 leitores de CD, 12 amplificador e voz gravada, 53’ 54’’ (loop)

Colecção | Collection Caixa Geral de Depósitos

© Daniel Malhão

**b) Pomar\_mulheres fugindo**

**JÚLIO POMAR**

***Mulheres Fugindo (a bomba Atómica)***

Linóleo

54 x 67 cm

Colecção Fundação Júlio Pomar, Acervo Atelier-Museu

© Fundação Júlio Pomar

**c)** **Pomar\_Eumapena**

**JÚLIO POMAR**

***É uma pena***

2003

Ferro, madeira, pena

102 x 27 x 27 cm

Colecção Galeria Valbom

© António Jorge Silva / AMJP

**d) luisa cunha\_CV**

**LUISA CUNHA**

**CV**

2018

Impressão a jacto de tinta sobre papel | Ink jet print on paper

100 x 82 cm

Colecção da artista | Collection of the artist

**e) DIRTY\_MIND\_Daniel\_Malhão jpg**

**LUÍSA CUNHA**

***Dirty Mind***

1995

Estore vermelho PVC (161x175x5cm), altifalante, leitor de CD e voz gravada

13″, loop (texto: 11" + pausa: 2")

Colecção | Collection Ministério da Cultura - SEC

© Daniel Malhão

**Para mais informações:**

Pedro Faro e Hugo Dinis

Assessoria de Imprensa

Atelier-Museu Júlio Pomar

Rua do Vale, nº7 1200-472 Lisboa

T.: +351 215 880 793

hugodinis@egeac.pt / pedrofaro@egeac.pt